

Idéia de lançar Covas foi planejada com cuidado

O ex-Governador Leonel Brizola preparou minuciosamente a reunião do PDT em que viria a lançar a idéia da dupla renúncia — de Lula e dele — em favor da candidatura do Senador Mário Covas (PSDB), como uma única capaz no momento “de unir as forças populares” para enfrentar o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello.

No domingo, ele mandou convocar todos os companheiros para uma reunião naquela mesma noite. Todos juntos em seu apartamento, mas ausente o líder, começaram as explicações para a derrota, cada um buscando imputar a esse ou àquele a culpa. “Não demos a atenção devida à Bahia nem a Minas, olha no que deu”, explicava um. Neiva Moreira encontrava outra razão: “Foi atacar o Sarney na véspera, perdeu aí 300 mil votos”. Quase todos centravam o ataque em Roberto AÁvila, responsável pelo programa gratuito da televisão. Até que o Deputado Carlos Alberto de Oliveira chamou todo mundo à ordem, observando que não era elegante estar acusando ausentes. E foi nessa altura que chegou o recado: Brizola não desceria de Itaipava e marcava nova reunião para a

manhã de segunda-feira.

Exegetas do estilo do ex-Governador interpretaram aqueles acontecimentos como correspondentes a uma tática rapidamente amadurecida: Brizola queria que cada um esvaziasse o peito das mágoas e se esquivasse de qualquer responsabilidade para, lavada a roupa suja, ouvir com bom ânimo a sua idéia. Foi o que fez segunda-feira de manhã.

Ao entrar em seu apartamento da Avenida Atlântica, ele já o encontrou tomado não apenas dos membros da Executivã como de muitos outros adeptos. Juntou-os todos na sala e começou seu micro-comício, com um aviso bem-humorado:

— A rigor, vocês hoje vão me dar o direito de falar durante umas três horas.

Como nunca antes pedira licença para isso, houve risos, e ele continuou: disse que o resultado anunciado da eleição era contestável, porque a apuração fora leviana. Ou bem se fazia toda no computador, ou toda por métodos manuais. O sistema híbrido permitia manipulação e portanto eivava de suspeita os números divulgados. Por essa razão, não podia se considerar vencido.

Em seguida, discorreu longamente sobre a campanha levada a efeito por Luís Inácio Lula da Silva, criticando-a em todos os seus aspectos, a começar pelo despreparo do candidato para exercer as funções de Presidente da República, e chegando ao desfecho nos seguintes termos: “O radicalismo de Lula nos coloca a esta altura na situação de apoiar ou apoiar. Ou aceitamos ostensivamente o programa da Frente Brasil ou nos calamos, mas sempre acompanhando essa candidatura”.

— Ora — prosseguiu Brizola — é muito duro dar voto para esse rapaz. Ele está dividindo as oposições. Hoje tenho sérias desconfianças dele. Na verdade, ele está representando os interesses do empresariado conservador, pois sua candidatura garante a vitória desse Collor.

Nesse ponto, Brizola disse ter recebido de um companheiro uma sugestão, que considerava muito boa e desejava submeter ao partido. E apresentou a idéia — divulgada ontem em primeira mão pelo GLOBO — da renúncia de Lula e dele, em favor de Mário Covas, como solução para preservar a unidade das forças que ele chama de esquerda.